

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8  
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM  
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:  
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

 PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu  
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud

## **1. Historiografia e Teoria**

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)  
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?  
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004  
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas  
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino  
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes  
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*  
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves  
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

## **2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia  
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas  
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização  
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)  
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo  
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis  
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos  
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica  
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche  
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo  
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial  
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem  
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional  
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

### **3. Didáctica da Arqueologia**

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente  
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!  
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico  
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável  
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia  
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades  
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente  
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)  
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia  
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)  
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático  
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia  
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia  
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia  
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu  
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

#### **4. Arte Rupestre**

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal  
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso  
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa  
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa  
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)  
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009  
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal  
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo  
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar  
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar  
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

## 5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos  
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG  
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I  
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo  
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira  
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo  
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)  
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)  
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.  
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho  
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio  
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território  
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018  
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967  
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem  
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

## 6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão  
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado  
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média  
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)  
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste  
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde  
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto  
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga  
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual  
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação  
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado  
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro  
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional  
Francisco B. Gomes

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização  
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?  
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas  
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves  
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica  
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização  
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico  
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)  
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização  
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego  
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa  
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):  
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado  
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,  
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir  
de um estudo de caso  
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga*  
(Santiago do Cacém)  
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária  
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte  
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval  
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016  
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole  
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)  
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /  
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia  
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus  
(Vila Nova de Gaia)  
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na  
Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas  
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /  
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /  
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII  
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica  
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica  
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas  
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão  
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD  
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)  
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela  
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense  
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal  
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média  
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém  
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)  
Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa  
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade  
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

## **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas  
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa  
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa  
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos  
(Lisboa)  
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos  
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa  
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana  
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)  
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia  
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa  
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho  
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI  
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças  
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal  
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção  
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos  
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha  
do Alferes, Seixal (século XVI)  
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa  
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures  
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa  
de Época Moderna  
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos  
humanos recuperados  
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica  
na Rua da Vitória nº 15 a 17  
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna  
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT  
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia  
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel  
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário  
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário  
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo  
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA  
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial  
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras  
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico  
Xurxo Ayán Vila / José M<sup>a</sup>. Señorán Martín

# VASOS GREGOS EM PORTUGAL: DIFERENTES MANEIRAS DE CONTAR A HISTÓRIA DO INTERCÂMBIO CULTURAL NA IDADE DO FERRO

Daniela Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo procuramos dar a conhecer o conjunto de dados históricos e arqueológicos disponíveis para o estudo das cerâmicas gregas e das relações comerciais estabelecidas entre o Mediterrâneo Oriental e o atual território português, entre os séculos VII-IV a.C.

**Palavras-chave:** Vasos Gregos, Idade do Ferro, Relações Comerciais, Aculturação, Identidade Cultural.

## ABSTRACT

This paper aimed to describe and interpret the archaeological data available associated to the Greek pottery and commercial relations concerning the Eastern Mediterranean and the current Portuguese territory, between the 7<sup>th</sup> and the 4<sup>th</sup> centuries b.C.

**Keywords:** Greek Vase, Iron Age, Commerce, Cultural Exchanges, Cultural identity.

## 1. AS TRAMAS E AS TEIAS DA HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA GREGA NA PENÍNSULA IBÉRICA

«Ali as taças de ambrósia  
foram misturadas;  
e Hermes pegou no jarro e serviu vinho aos deuses.  
Todos eles  
seguraram as taças  
e ofereceram libações e desejaram coisas boas  
ao noivo.»

(Safo, fr.141 PLF)

A arqueologia grega na Península Ibérica acompanhou de perto os contextos de investigação e de desenvolvimento do pensamento científico aplicado aos estudos históricos. Do fenómeno de colecionismo resultante do movimento neoclássico que marca o despontar do interesse estético e histórico por estas peças, à iniciativa de eruditos e historiadores que, ainda no século XV, procuram estabelecer a conexão entre os materiais e os locais de ocupação grega, passando pelo desenvolvimento da arqueolo-

gia filológica, que paulatinamente se descredibiliza dando lugar à valorização das evidências materiais apoiadas em estudos classificatórios e taxonómicos com base em estratigrafia.

O grande impulso nos estudos da arqueologia grega peninsular ocorre, no entanto, nas primeiras décadas do século XX, com a discussão dos fenómenos históricos através da leitura e interpretação dos textos clássicos. É neste contexto, que Adolfo Schülten, nas suas investigações sobre Tartessos (1922), introduz o tema da colonização grega em Espanha, adotando uma abordagem empírica, de base filológica, marcada pelo pressuposto da veracidade absoluta das fontes e pelo entendimento da arqueologia como veículo de confirmação das notícias textuais. A visão representativa do idealismo histórico perfilhada por Schülten foi acompanhada do entendimento da superioridade civilizacional grega e da desvalorização pelo pequeno objeto cerâmico entre as várias expressões de arte e cultura. Idêntico critério metodológico é igualmente seguido por Bosch Gimpera, em «*Problemi della colonizzazione greca in Spagna*» (1929), onde o investigador apresenta a

1. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»; [danielaflipaferreira@gmail.com](mailto:danielaflipaferreira@gmail.com).

leitura crítica das fontes antigas e a sua confrontação com os dados obtidos por via da arqueologia, como base do discurso histórico da colonização grega de Espanha.

O questionamento da veracidade das fontes escritas e a consciência das suas limitações acompanhou desde cedo o movimento filológico, testemunhando-se, ainda que de forma muito incipiente, logo em 1925, com a publicação da obra «*The Greeks in Spain*» de Rhys Carpenter, através da qual o investigador procura fazer corresponder os acidentes naturais da paisagem do Levante espanhol a locais de ocupação grega, fundamentando-se em raciocínios de âmbito geográfico. O início das escavações sistemáticas da cidade grega de *Emporion*, em 1908, com Josep Puig i Cadafalch, e a publicação dos achados das campanhas sucessivamente realizadas contribuíram, de igual forma, para a criação de uma base sólida de conhecimento arqueológico para a caracterização da presença grega da Península Ibérica.

A descoberta do capacete grego na Ría de Huelva<sup>2</sup>, assim como a realização das primeiras escavações sistemáticas nos povoados e necrópoles ibéricas, vieram dar um novo impulso para o conhecimento desta área, verificando-se, sobretudo no decorrer dos anos 40 e 50, a proliferação dos estudos sobre a presença grega em Espanha. Novas orientações metodológicas e teóricas são assumidas, destacando-se ainda na década de 40, o papel de António García y Bellido, como a figura maior da investigação sobre a presença grega neste território e impulsor da adoção de critérios modernos de investigação. A obra que publica em 1948, «*Hispania Graeca*», contribuiu não só a integração da Península Ibérica nos estudos de âmbito mediterrâneo, como possibilitou, através da sua visão global dos testemunhos arqueológicos identificados até à data, abrir novas linhas de investigação (Cabrera Bonet & Olmos, 2017, pp. 31-41). Também Martín Almagro Basch, enquanto diretor das escavações de Ampúrias, contribuiu para a valorização do testemunho arqueológico como via preferencial para o desenvolvimento dos estudos sobre esta temática. No grande trabalho sobre as necrópoles que publica nos inícios dos anos 50 (Almagro Basch, 1953, 1955) e nos estudos seguintes, recorre ao estabelecimento de tipologias e à ordenação dos materiais de acordo com as aná-

2. Sumariamente publicado, em 1931, no *Boletín de la Academia de la Historia* por Hugo Obermaier.

lises estratigráficas, afastando-se dos critérios estilísticos e da ditadura das fontes clássicas enquanto elemento primordial para a definição da presença grega na Península Ibérica. Esta corrente metodológica e conceptual, inspirada na arqueologia pré-histórica – que desde o início do século XX desenvolve a descrição empírica dos pequenos objetos, classificando-os evolutivamente e integrando-os em esquemas taxonómicos –, enfrentará continuados movimentos de resistência que perdurarão pelas décadas seguintes e que derivam, em boa parte, da escassez de testemunhos arqueológicos conhecidos à época.

A percepção de que os materiais gregos chegavam por intermédio do comércio púnico-fenício desponta apenas na década seguinte (Pellicer Catalán, 1964; Trías, 1967-1968), na mesma altura em que se confirma a antiguidade da fundação de Ampúrias, com a publicação do resultado das campanhas de escavação de 1962 e 1963 realizadas em *Palaiapolis* (Almagro Basch, 1964). Igualmente nesta altura, Maria Helena da Rocha Pereira publica o estudo pioneiro «*Greek Vases in Portugal*» (1962), dando a conhecer importantes testemunhos do colecionismo de vasos gregos em território português, a par do estudo dos escassos exemplares áticos provenientes de contextos arqueológicos, designadamente, seis vasos identificados na Necrópole do Senhor do Olival dos Mártires de Alcácer do Sal. Descobertos os primeiros exemplares em 1874, e ainda que tenham sido prontamente classificados como vasos etruscos, o interesse destas peças impulsionou a realização de escavações sistemáticas na necrópole de Alcácer, conduzidas apenas em 1925 sob a direção de Vergílio Correia (1930), abrindo caminho para a definitiva integração do atual território português nos estudos sobre a presença grega no Ocidente.

Os novos dados obtidos com a intensificação dos trabalhos em Ampúrias, a par dos desenvolvimentos arqueológicos em Ullastret e da descoberta de feitorias fenícias no Sul da Península Ibérica, lançaram novos debates sobre as rotas e frequências do comércio de produtos gregos e sobre as características dos materiais importados, obrigando a repensar Tartessos à luz da colonização fenícia. Estes assuntos são desde logo tratados por Glòria Trías Rubiés (1967-1968) que, adotando uma visão conciliadora dos textos clássicos e dos elementos arqueológicos, publica um catálogo documental do conjunto de materiais gregos identificados até à data na Pe-

nínsula Ibérica. Ao modo generalista da *Hispania Graeca* de García y Bellido, em «*Cerâmicas griegas de la Península Ibérica*», Trías desenvolve uma síntese das problemáticas ligadas ao mundo grego, tendo como ponto de partida os testemunhos materiais cerâmicos, apresentados de forma geográfica e cronologicamente ordenada. O esforço de compilação e sistematização presente na sua obra, ainda que com importantes limitações<sup>3</sup>, constitui referência válida para os ensaios tipológicos e estilísticos relativos à presença grega na Península Ibérica até aos dias de hoje. Simultaneamente, a sua ordenação dos testemunhos cerâmicos de acordo com áreas geográficas, permitiu criar as bases necessárias para relançar a discussão sobre a distribuição espacial dos achados e repensar as rotas de comércio destes materiais. Logo em 1970, Lepore procura definir com maior precisão a atividade comercial, analisando os materiais identificados nos *emporía*, e defendendo que o estabelecimento de relações comerciais, sobretudo as inaugurais, foi instituído com a aristocracia indígena. Este assunto é retomado no ano seguinte, no «*Simposio Internacional de Colonizaciones*», onde se discutem as limitações da perspetiva tradicional para abordar os problemas da colonização (Morel, 1972), um termo que deixa de ser utilizado de forma generalizada ainda no decorrer da década de 70. Outras terminologias, como a «cerâmica proto-campaniense» estabelecida por Lamboglia, tornam-se igualmente obsoletas, não obstante o sistema classificatório instituído pelo investigador continuar a ser utilizado por várias décadas, por via da sua articulação com a escola emporitana de Almagro. Nos anos que se seguiram, com a publicação dos conjuntos materiais entretanto identificados<sup>4</sup>, abrem-se novas perspetivas sobre os circuitos de distribuição e integração destes objetos exógenos no quadro das estruturas sociais e ideológicas indígenas, reconhecendo-se a penetração de influências culturais orientalizantes até regiões mais interiores. Para o avanço no conhecimento do comércio estabelecido em áreas costeiras, contribuíram ainda a primeira publicação sistemática dos materiais de Ullastret pela mão

3. Destacando-se a não inclusão de determinados conjuntos de cerâmica não figurada e a desvalorização das problemáticas da receção e uso dos materiais gregos em contextos funerários indígenas.

4. Como, por exemplo, os vasos de Medellín (Olmos, 1977b).

de Marina Picazo (1977) e o desenvolvimento dos estudos emporitanos (Jully, 1976), possibilitando uma melhor definição dos horizontes de importação de materiais gregos, em particular no atual território da Catalunha. É igualmente neste momento que surgem as primeiras notícias sobre o naufrágio de El Sec (Pallarés Salvador, 1974), não obstante a publicação final do conjunto exumado ocorrer apenas em finais dos anos 80 (Arribas & *alii.*, 1987).

Com o aumento do volume de materialidades conhecidas, desenvolve-se a tradição dos estudos de conjuntos cerâmicos homogêneos, destacando-se a importante análise dos vasos sobrepintados e de estilo Saint-Valentin (Picazo & Rouillard, 1976), das taças áticas da Andaluzia e da cerâmica proveniente da Grécia de Este (e.g. Rouillard, 1978). Estas análises são acompanhadas de diversos trabalhos de síntese (Olmos & Picazo, 1979, entre muitos outros) e da realização de encontros científicos com vista à discussão e apresentação de novos dados, tendo em comum, uns e outros, o reconhecimento da influência orientalizante sobre as comunidades autóctones que recebem estes produtos.

Para o atual território português, surgem as primeiras notícias sobre testemunhos de vasos gregos no Norte de Portugal, provenientes do Castelo de Castro de Faria (Almeida, 1973-1974, p. 201, nota de rodapé nº15, e Rouillard, 1975, p. 42, nota de rodapé nº 31), um achado verdadeiramente valorizado apenas aquando da descoberta de cerâmica grega em contextos estratigráficos conservados, datados da Idade do Ferro do povoado de Santo Estevão da Facha.

Nos anos 80, multiplicam-se as campanhas de escavação em contextos sidéricos com presença de materiais importados, iniciando-se ou consolidando-se os trabalhos desenvolvidos na Andaluzia Ocidental e na região do Levante Peninsular, à medida que prosseguem as campanhas de escavação na Catalunha, com a intervenção na colónia focea sob a direção de E. Sanmartí (e.g. Sanmartí Grego & *alii.*, 1986) e o início dos trabalhos em Neápolis. As escavações conduzidas em Huelva (e.g. Fernández Jurado & Cabrera Bonet, 1987), Málaga (Gran Aymerich, 1987), Toscanos (Niemeyer, 1985), Guadalhorce (Cabrera Bonet, 1994b), Cástulo (Sánchez Fernández, 1987) e Torre de Doña Blanca (Cabrera Bonet, 1995) confirmam a presença das importações de época arcaica e clássica, lançando novos dados sobre a intensidade e dinâmica do comércio estabelecido e possibilitando novas interpretações para a reconstrução deste

processo histórico (e.g. Cabrera Bonet & Olmos, 1985). A discussão dos velhos debates e das novas descobertas ocorre em 1983, em Ampúrias, na Mesa Redonda «*Cerámicas griegas y helenísticas en la Península Ibérica*», destacando-se a problemática das imitações de cerâmicas gregas (e.g. Page Del Pozo, 1984, entre muitos outros). A discussão foi retomada na Mesa Redonda decorrida em Bordéus, em 1986, organizada por Pierre Rouillard e Marie Christine Villanueva-Puig, com o título «*Griegos e Iberos en el siglo IV a.C. Comercio e iconografía*», abordando-se, uma vez mais, questões ligadas à recepção dos vasos gregos. Efetivamente, o tema da relação entre as sociedades indígenas o mundo grego ganha, nesta altura, um novo impulso com a consolidação do conceito de aculturação e a abertura a novas propostas de interpretação histórica.

Novos estudos são conduzidos, dando uma visão de conjunto da presença grega neste território (e.g. García Cano, 1989), e indo ao encontro da especificidade exigida por determinados temas, como o são os aspetos ligados à presença de produtos massaliotas na P.I. (e.g. Miró, 1989). A par da constatação da pureza de problemáticas ligadas à presença grega neste território, verifica-se, neste momento, o alargamento da discussão a novas áreas geográficas, fruto do desenvolvimento de inúmeras campanhas de escavação e da frequente descoberta de novos testemunhos dos intercâmbios estabelecidos. Destacam-se as campanhas arqueológicas realizadas em áreas do interior da Península, particularmente na Extremadura, na zona Sul da Meseta e na Alta Andaluzia, permitindo aprofundar o estudo das redes de comércio e da redistribuição de produtos a partir de povoados litorais.

A publicação das atas da Mesa Redonda «*La presencia de material etrusco en la Península Ibérica*» (1991), dos congressos «*Marsella griega*» e «*Marsella y la Gália*», no terceiro volume dos *Études Massaliètes* (1992), e a realização da mesa redonda «*Griegos e Iberos: lecturas desde la diversidad*» celebrada em 1991, em Ampúrias, permitiram abordar o processo comercial de produtos gregos numa perspectiva (cronológica e geográfica) mais ampla e integradora de várias disciplinas, como a epigrafia e numismática.

Em 1991, Pierre Rouillard publica «*Les grecs à la Peninsule Ibérique du VIIIe au IVe siècle avant Jésus-Christ*», apresentando um exaustivo catálogo dos materiais gregos identificados até então, incluindo

treze arqueossítios localizados no atual território português. Tal como Glorias Trías, na sua obra de 1967, também Rouillard se socorre das fontes literárias, em confrontação com os dados arqueológicos para abordar a fisiografia do comércio grego na Península Ibérica. As considerações tecidas pelo autor, em particular as que dizem respeito às dinâmicas de aculturação das culturas indígenas recuperam discursos elitistas, rapidamente suplantados pela emergente consciência de que terão sido as estruturas sociais e políticas indígenas que originaram a demanda de importações gregas por oposição à ideia de que foi o estabelecimento de relações comerciais com o mundo oriental a determinar as mudanças nas culturas autóctones. A este propósito, logo no ano seguinte, Carmen Sánchez (1992) publica o resultado dos trabalhos que desenvolveu sobre o comércio de produtos gregos na Andaluzia Oriental, valorizando a preferência da clientela autóctone por determinados vasos, utilizados com propósitos distintos daqueles que serviram de base à sua produção, correspondendo à interpretação local dada a estas peças. Para a reivindicação do papel de protagonista das sociedades autóctones contribuiu ainda a publicação do resultado das escavações de *Palaiapolis* (Aquilué, 1999), confirmando a existência de um povoado indígena prévio à chegada dos primeiros comerciantes gregos de *Emporion*, assim como a publicação de P. Cabrera Bonet e M. Santos, «*Cerámicas jonias de época arcaica. Centros de producción y comercialización en el Mediterráneo Occidental*», onde se aborda uma vez mais a problemática da interação entre indígenas e gregos.

Pela parte portuguesa, a década de 90 é marcada pela publicação do conjunto de cerâmica de filiação grega de Castelo de Castro Marim, pela mão de Ana Margarida Arruda. A continuação das intervenções neste arqueossítio permitiu não só aumentar o número de peças gregas identificadas em território português, como clarificar o panorama conhecido para a chegada destas produções ao Sul de Portugal. Os novos achados foram sendo paulatinamente publicados, em diversos trabalhos, realizando-se a publicação da totalidade do conjunto em 2019 (Arruda, Ferreira & Sousa, 2020).

Em 2007, realiza-se no Museu Nacional de Arqueologia de Portugal a exposição «*Vasos Gregos em Portugal: Aquém das colunas de Hércules*», que vem dar seguimento, pela parte portuguesa, à exposição «*Los griegos en España: tras las huellas de Heracles*»,

apresentada no Museu Arqueológico Nacional de Espanha, sete anos antes. O catálogo dela resultante permitiu sintetizar os conhecimentos até então adquiridos sobre esta temática, e simultaneamente divulgar novos achados das campanhas conduzidas ao longo da década de 90.

Mais recentemente, no decorrer das duas primeiras décadas do século XXI, verifica-se a publicação da monografia da colónia de *Rode* (Girona) por Anna Puig e Aurora Martín, assim como a análise dos conjuntos de cerâmica grega da Extremadura (Jiménez Ávila, 2004), do importante complexo ibérico de Coimbra del Barranco Ancho (García Cano & Gil González, 2009), dos arqueossítios de Mas Castellar de Pontós (e.g. Pons, 2002), Cancho Roano (Gracia Alonso, 2003, pp. 23-46, 2005, entre outros), Calle Zacatín-Granada (Rouillard & De la Torre, 2014, pp. 1-14, entre outros), e dos materiais recuperados no barco grego de Cala de San Vicenç-Mallorca (Nieto & Santos, 2008), entre vários outros locais onde foram recolhidos um número mais reduzido de exemplares cerâmicos gregos. Os novos dados obtidos, em conjunto com a análise dos conjuntos homogêneos<sup>5</sup>, e as tentativas de síntese conduzidas por Adolfo Domínguez e Carmen Sánchez (2001), Ricardo Olmos<sup>6</sup>, entre muito outros, mantiveram até aos dias de hoje o dinamismo que caracteriza a arqueologia grega em Espanha desde os inícios do século XX.

Também as inúmeras publicações de Ana Margarida Arruda (2008, 2009, 2019, entre muitas outras) procuraram integrar os dados arqueológicos recolhidos em Portugal em estudos mais abrangentes, de âmbito ibérico e mediterrâneo. O número crescente de exemplares de cerâmica grega identificados e as evidentes disparidades de conhecimento sobre a presença grega entre o Norte e o Sul do actual território português justificaram, no entanto, a elaboração de uma tese de doutoramento da autoria da signatária do presente artigo (Ferreira, 2019). Este trabalho de síntese, defendido em novembro de 2019, deu a conhecer novas peças, até então inéditas, procurando contribuir para o esclarecimento de problemáticas

5. E.g. Maite Miró, «*La cerámica ática de figuras rojas de la ciutat grega d'Emporion*» (2006), onde se compila todos os fragmentos de vasos de figuras vermelhas identificados em Ampúrias desde o início das escavações até à data da publicação.

6. Destacando-se os trabalhos sobre a imagética autóctone e os sistemas iconográficos mediterrâneos.

discutidas ao longo de mais de um século de estudos sobre a presença grega na Península Ibérica.

## 2. OS DADOS DA ARQUEOLOGIA: A CERÂMICA GREGA NO ACTUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS

No decorrer da última centúria foram identificados, um pouco por todo o território português, produtos cerâmicos gregos que testemunham uma importante vertente do intercâmbio cultural estabelecido e que nos permitem caracterizar a fisionomia e as várias fases cronológicas do comércio destes bens. O número de exemplares identificados é, também ele, bastante considerável, registando-se 922 exemplares de origem grega, encontrados em 42 arqueossítios localizados entre o litoral Algarvio e o Norte de Portugal. Com exceção de onze fragmentos de ânfora de distintas proveniências e três fragmentos de origem coríntia, a cerâmica grega corresponde a produções áticas de figuras negras, de figuras vermelhas e de verniz negro (Figura 1).

As cerâmicas gregas de época arcaica, dos finais do século VII a inícios do V a.C., estão pouco representadas, contabilizando-se apenas três fragmentos do período coríntio médio e um fragmento ático de figuras negras. Formam parte deste conjunto, dois fragmentos de vasos vertedouros procedentes de Castelo de Castro Marim e da Quinta do Almaraz e um arýballos identificado igualmente neste último local (Arruda, 2019; Ferreira, 2019). Os dados disponíveis sugerem que estes dois vasos coríntios terão chegado ao ocidente peninsular num contexto de abastecimento de produtos orientalizantes às colónias fenícias do Sul da Península Ibérica, cuja presença está já arqueologicamente bem documentada. Além destes, regista-se a aquisição de uma taça de faixas da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, datável entre finais do século VI e inícios do V a.C., que testemunha o início da importação das formas abertas, uma clara preferência registada no território em estudo.

Após um hiato de aproximadamente um século, entre a 2ª metade do século V a.C. e a centúria seguinte, começam a difundir-se as cerâmicas áticas de figuras vermelhas representadas por uma dezena de formas distintas, destacando-se as taças e os kratêres. É apenas na transição dos finais do século V e inícios do IV a.C. que ocorre um considerável aumento das cerâmicas áticas de verniz negro. Estas produções

com cerca de duas dezenas de formas identificadas (contando as suas variantes), são maioritariamente representadas por taças de pé baixo, em particular as de bordo convexo, e por tigelas de bordo esvasado e reentrante, com testemunhos abundantes em vários contextos (Figura 2).

A cerâmica de figuras vermelhas é, genericamente, menos abundante quando comparada com as produções revestidas de verniz negro, com exceção de dois contextos funerários. Referimo-nos à necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, que regista uma presença maioritária de exemplares decorados de figuras vermelhas, e ao arqueossítio de Cerro Furado, com a presença exclusiva de cerâmica com esta técnica decorativa.

Como observámos na figura 1, no que refere à dispersão geográfica, encontramos cerâmica grega em todo o actual território português. São, no entanto, maioritárias as cerâmicas encontradas nas áreas litorais e nas zonas de influência de grandes rios, tirando partido do acesso facilitado a esses territórios através dos cursos fluviais. Esta distribuição sugere um abastecimento e difusão costeira, por via marítima e fluvial, complementado por curtos trajetos terrestres que permitiam o acesso a áreas mais interiores.

Os arqueossítios que mais precocemente são abastecidos por cerâmica grega correspondem a Almaraz, Castro Marim e Alcácer do Sal, revelando a existência de rotas fragmentadas que não obedeciam a um percurso natural e espectável de navegação (no sentido norte/sul e este/oeste), mas antes ao contacto com áreas estratégicas deste território<sup>7</sup> (Figura 3).

A partir da transição do século V a.C. dá-se um aumento exponencial dos arqueossítios com a presença de cerâmica grega, aumentando igualmente o número de fragmentos. Neste âmbito, o Sul destaca-se como o grande consumidor deste tipo de produtos, com um número muito avultado desta cerâmica, quando comparado com o restante território português. A disseminação da influência orientalizante em toda a fachada atlântica sugere uma dinâmica de comércio distinta da anteriormente enunciada. A fundação de novos povoados que registam cerâmica grega nos estratos arqueológicos mais antigos terá certamente a sua origem num quadro de prosperidade económica, perceptível através do grande

número de produtos exógenos que chegam a este território, a par do aumento demográfico. Sendo o século IV a.C., o momento de maior intensidade no comércio de bens orientalizantes, verifica-se um aumento no número de locais geograficamente vocacionados para participar e tirar partido das redes comerciais já estabelecidas, como é o caso de alguns dos arqueossítios situados ao longo das vias marítimas e fluviais, em áreas favoráveis ao controlo da navegação.

Em locais previamente povoados, como Castro Marim e Tavira, ocorre neste período uma profunda reestruturação urbanística que traduz um fenómeno de crescimento (económico e de outras índoles) deste espaço, verificado através da intensa chegada de importações. Aos bens tradicionalmente conhecidos acrescentam-se novos produtos, quer na forma de bens manufacturados, quer na qualidade de produtos alimentares, estes últimos transportados através do recurso a ânforas (Arruda, 2005).

No que concerne às estratégias de povoamento das populações deste território, destaca-se a aparente uniformidade verificada entre os núcleos urbanos da Idade do Ferro. Regra geral, os povoados sidéricos que importam materialidades exógenas obedecem a uma tipologia concreta, assente na implantação na orla costeira, em pequenas elevações que proporcionam o domínio visual da paisagem e o controlo das vias marítimas e dos acessos a áreas localizadas em territórios mais interiores. Não obstante esta tipologia de implantação acarretar vantagens defensivas e, em alguns casos, a exploração de variados recursos (piscícolas, agrícolas, etc.), deverá levar-se em conta a vantagem que garantem ao desenvolvimento de atividades comerciais, permitindo controlar a realização de trocas comerciais, quer entre regiões próximas, quer com territórios distantes. Como já referimos, estes povoados localizam-se igualmente em locais favoráveis ao controlo das vias aquíferas e em rotas de penetração para áreas interiores, semelhantes aos modelos de implantação territorial fenícios situados na costa de Málaga e na Andaluzia Ocidental (Aubet, 2009, pp. 311-316).

Com poucas exceções, a cerâmica grega até à data encontrada no actual território português apresenta-se muito fragmentada. Esta situação condiciona grandemente a sua classificação e dificulta a determinação da sua forma e cronologia. Esta frágil condição resulta do facto dos fragmentos serem, regra geral, encontrados em contextos de *habitat*, onde são

7. Esta problemática foi largamente abordada por Ana Margarida Arruda (2017, p. 126), sublinhando a referida investigadora diversas possibilidades interpretativas.

usados de forma intensiva, no quotidiano, em ambientes domésticos, como loiça de mesa. A exceção a esta tendência verifica-se nos contextos funerários e votivos. A necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, a necrópole do Cerro Furado, em Beja e o santuário da Azougada, em Moura, são disso exemplo. É destes locais que provêm os conjuntos de cerâmica grega melhor conservados, incluindo peças inteiras.

Os vasos importados, com um reportório formal reduzido, apresentam pastas e vernizes de qualidade inferior, espelhando uma tendência já verificada em território espanhol (Cabrera Bonet & Perdigo-nes, 1996), relacionada com o abastecimento de produtos de características particulares destinadas exclusivamente aos mercados periféricos. A decoração presente nos exemplares de figuras vermelhas, pouco cuidada, pouco variada e restrita às obras de não mais do que seis pintores ou Grupos de Pintores, concorrem igualmente para esta tese. O conjunto apresenta-se assim bastante homogêneo, predominando os recipientes concebidos para serem utilizados à mesa, para beber e comer. Além destes, regista-se um número considerável de kratêres, particularmente recorrentes no Noroeste Peninsular, traduzindo assim a preferência destas comunidades por peças mais elaboradas, de maiores dimensões e profusamente decoradas.

Ainda no respeitante aos recetores destes produtos exógenos, é «relevante» sublinhar que são, eles próprios, também agentes de comércio, que recebem bens em troca de outros, estabelecendo, com um maior ou menor peso, as condições e as mais-valias destas transações. Esta participação indicia a existência de indivíduos, dentro dos grupos sociais, que conduzem o desenrolar desta atividade económica beneficiando financeiramente dela. Se considerarmos que este desenvolvimento das trocas comerciais poderá ter potenciado a criação de riqueza e reestruturado socialmente estas povoações, contribuindo para o apuro da divisão de trabalhos e incentivando uma possível hierarquização de estatuto social e riqueza de um destes grupos, poderemos atribuir a esta atividade comercial um fenómeno de progressiva complexidade e hierarquização social (Arruda, 2003, p. 55). Este processo, com início no século VII a.C. e desencadeado pela presença de comerciantes de origem fenícia e/ou grega no atual território português, ganha dimensão nos séculos seguintes, acompanhando o crescimento das re-

lações comerciais e do volume de trocas realizado. Estamos assim perante um possível fenómeno de reorganização económica.

O contacto com produtos importados, veículos de cultura, contribuiu para a introdução e assimilação de hábitos exógenos. Naturalmente que, quanto mais facilitado é o acesso a estes bens (pela proximidade geográfica a centros redistribuidores e capacidade de aquisição), maior o seu impacto na alteração de hábitos dos seus compradores (Arruda, 1997; Blech, 2001). Veja-se o caso de um fragmento de um possível ponderal proveniente de Castro Marim. A verificar-se esta classificação, estaríamos possivelmente perante um sistema métrico de influência oriental, implementado neste local em finais do Século VII a.C. (Vilaça, 2003, p. 272).

As transformações geopolíticas verificadas no decurso do século IV a.C., tiveram como consequência direta uma quebra na chegada dos produtos cerâmicos áticos. A diminuição da oferta, traduziu-se na proliferação, em outras áreas do Mediterrâneo, de centros oleiros dedicados à produção de cerâmicas que obedecem à estética helenística. É neste particular contexto que devemos explicar o início da comercialização e a proliferação da cerâmica de tipo Kuass que surge em grandes quantidades no Círculo do Estreito de Gibraltar, a partir de finais do século IV a.C. De engobes acinzentados, acastanhados e avermelhados, imitam os protótipos formais da cerâmica ática de verniz negro, sendo por isso, plenamente integradas nos circuitos comerciais do mundo mediterrâneo ocidental.

Ainda que tradicionalmente se associe a presença de vasos gregos maioritariamente a contextos de *habitat* (VGP, 2007), exceção feita às necrópoles de Alcácer do Sal, Quinta da Queimada, Cerro Furado, e ao santuário de Cabeço da Azougada, o estudo das condições de achamento destes materiais testemunha uma realidade distinta. Não obstante, uma percentagem considerável de exemplares gregos provir de contextos de revolvimento, deposição secundárias ou de intervenções arqueológicas espacialmente limitadas que não permitem a determinação da natureza dos espaços escavados, verifica-se um número crescente de vasos gregos identificados recintos com funcionalidades religiosas. Registamos esta associação de forma evidente, por exemplo, no complexo arqueológico de Castro Verde, em Corvo I e Neves I e II, e no depósito votivo de Garvão. A referida associação dos vasos gregos a contextos

de natureza votiva testemunha não só a ligação orgânica entre as áreas de áreas de *habitat* e de culto entre as comunidades sidéricas da fachada atlântica da Península Ibérica, como acentua o cariz de excepção e de estatuto associado à utilização dos vasos gregos. Ainda que em determinados arqueossítios onde os conjuntos de cerâmica grega são mais abundantes, seja admissível a sua utilização como loiça de mesa, estarão seguramente ligados a rituais de comensalidade, associados a celebrações e ritos, como veículo de reafirmação religiosa e social.

## ABREVIATURAS

PLF–LOBEL, Edgar; PAGE, Denis (1955) – *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*. Oxford. Tradução de Fraderico Lourenço (2006) – *Poesia grega de Alcman a Teócrito*. Lisboa: Livros Cotovia.

VGP–ROCHA-PEREIRA, Maria Helena, ed. (2007) – *Vasos gregos em Portugal: Aquém das colunas de Hércules*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus.

## BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO BASCH, Martín (1953) – Las necrópolis de Ampurias. *Monografías Ampuritanas III*. Barcelona. Volume I.

ALMAGRO BASCH, Martín (1955) – Las necrópolis de Ampurias. *Monografías Ampuritanas III*. Barcelona. Volume II.

ALMAGRO BASCH, Martín (1964) – Excavaciones en la Palaiópolis de Ampurias, *Excavaciones arqueológicas en España*. Madrid. Volume 27.

ALMEIDA, Carlos (1973-1974) – Influências meridionais na cultura castreja. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto. Série I, vol. 04/05, p. 201.

AQUILUÉ, Xavier, ed. (1999) – Intervencions arqueològiques a Sant Martí d'Empúries (1994-1996), *Monografies Emporitanes – De l'assentament precolonial a l'Empúries actual*. Girona. Número 9.

ARRIBAS, António; TRÍAS DE ARRIBAS, Gloria; CERDÁ, Damián.; DE HOZ ARRIBAS, Javier (1987) – *El barco de El Sec (costa de Calvià, Mallorca): Estudio de los materiales*. Mallorca: Ayuntamiento de Calvià, Universitat de les Illes Balears.

ARRUDA, Ana Margarida (1997) – *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica*. Lisboa: Ed. Colibrí.

ARRUDA, Ana Margarida (2003) – A Idade do Ferro no Castelo de Castro Marim através das importações cerâmicas. *Xelb, Actas do 1º Congresso de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Volume 4, pp. 70-88.

ARRUDA, Ana Margarida (2005) – O 1º Milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 23, pp. 9-156.

ARRUDA, Ana Margarida (2008). Fenícios e púnicos em Portugal: problemas e perspectivas. In VITA, Juan-Pablo; ZAMORA, José Ángel, eds. – *Nuevas perspectivas II: la arqueología fenicia y púnica en la Península Ibérica*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, pp. 13-23.

ARRUDA, Ana Margarida (2009). Phoenician colonization on the Atlantic coast of the Iberian. In DIETLER, Michael; LÓPEZ RUIZ, Carolina, eds – *Colonial Encounters in Ancient Iberia*. Chicago: University Press.

ARRUDA, Ana Margarida (2019) – A cerâmica grega de época arcaica do território actualmente português. [Archaic Greek pottery from Portugal]. *Archivo Español de Arqueología*. 92, pp. 19-25.

ARRUDA, Ana Margarida; FERREIRA, Daniela; SOUSA, Elisa (2020) – A cerâmica grega de Castelo de Castro Marim. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Colecção Estudos & Memórias, número 13).

AUBET, Maria (2009) – *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Bellaterra.

BLECH, Michael (2001) – Tartessos. In *Hispania Antiqua*. Mainz: Denkmäler der Frühzeit, pp. 305-348.

CABRERA BONET, Paloma (1995) – Cerámicas griegas en Tartessos: su significado en la costa meridional de la Península Ibérica desde Málaga a Tartessos 25 años después. In *Actas del Congreso conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera, pp. 387-399.

CABRERA BONET, Paloma; OLMOS, Ricardo (1985) – Die Griechen in Huelva, Zum Stand der Diskussion. *Madridider Mitteilungen*. Mainz. 26, pp. 61-74.

CABRERA BONET, Paloma, & OLMOS, Ricardo (2017) – Cerámicas griegas en la Península Ibérica, un hito en la historia de la arqueología española. In AQUILUÉ, Xavier; CABRERA BONET, Paloma; ORFILA, Margarita, eds. – *Homenaje a Glòria Trias Rubiés. Cerámicas griegas de la Península Ibérica: cincuenta años después 1967-2017*. Barcelona, pp. 31-43.

CABRERA BONET, Paloma e SANTOS, Marta, eds. (2000) – *Cerámiques jonies d'època arcaica: centres de producció i comercialització al Mediterrani Occidental. Actes de la Taula Rodona. (Empúries, 26-28 maig de 1999)*. *Monografies Emporitanes*. Barcelona.

CABRERA BONET, Paloma; PERDIGONES, Lorenzo (1996) – Importaciones áticas del siglo V a.C. del Cerro del Prado (Algeciras, Cádiz), *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 53:2, pp. 157-165.

- CORREIA, Vergílio (1930) – Alcácer do Sal. Esboço de uma monografia. *Biblos*, Coimbra. 1:7, p. 40-59.
- DOMÍNGUEZ MONEDERO, Adolfo; SÁNCHEZ, Carmen (2001) – *Greek Pottery from the Iberian Peninsula: archaic and classical Periods*. Brill.
- FERNÁNDEZ JURADO, Jesús; CABRERA BONET, Paloma (1987) – Comercio griego en Huelva a fines del siglo V a. C. In ROUILLARD, Pierre; VILLANUEVA-PUIG, Maria, eds. – *Revue des Études Anciennes. Grecs et Ibères au IV<sup>e</sup> siècle avant Jésus-Christ*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique. 89:3-4, pp. 149-159.
- FERREIRA, Daniela (2019) – *A cerâmica grega na Fachada Atlântica da Península Ibérica*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Complutense de Madrid.
- GRACIA ALONSO, Francisco (2003) – Las cerámicas áticas del palacio-santuario de Cancho Roano. In CELESTINO PÉREZ, Sebastián, ed. – *Cancho Roano VIII. Los materiales Arqueológicos*. Mérida: Instituto Arqueológico de Mérida. Volume I, pp. 23-194.
- GARCÍA CANO, José (1989) – Kantharos de la clase Saint Valentin en Murcia: Contribución a su estudio en la Península Ibérica. In *XIX Congreso Nacional de Arqueología, Castelló 1987*. Zaragoza, pp. 527-537.
- GARCÍA CANO, José; Gil, Francisco. (2009) – *La cerámica ática de figuras rojas: talleres y comercio (siglo IV a.C): El caso de Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla, Murcia)*. Murcia.
- GRAN AYMERICH, Jean (1987) – Céramiques grecques du Ve et IV<sup>e</sup> s. av. J. C. de Málaga (Campagnes de fouilles 1980-1986). In *Grecs et ibères au IV<sup>e</sup> siècle avant Jésus-Christ, Commerce et iconographie, (Table Ronde Bordeaux 16-18 de decembre de 1986)*, *Revue des Études Anciennes*. Bordeaux. Volume LXXXIX: 3-4, pp. 69-177.
- GARCÍA Y BELLIDO, Antonio (1948) – *Hispania Graeca*. Barcelona: Instituto Español de Estudios Mediterráneos.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2004) – La necrópolis de El Jardal (Herrera del Duque, Badajoz): Elementos para una revisión Cronológica de las Necrópolis de la 1<sup>a</sup> Edad del Hierro del Sur de Portugal, In *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste*. Faro. pp. 106-114.
- JULLY, Jean Jacques (1976) – Les importations attiques dans la Neapolis d’Ampurias du VI<sup>e</sup> s. au IV<sup>e</sup> s., *Revue Belge de Philologie et d’Histoire*. Bruxelles. LIV:1, pp. 25-51.
- LEPORE, E. (1970) – Structure della colonizzazione focea in Occidente. *Parola del Passado*, 130, 19-54.
- MIRÓ, Jordi (1989) – Ánforas arcaicas en el litoral catalán: un estudio acerca de las primeras importaciones de vino en Catalunya, *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 62, pp. 21-70.
- MIRÓ, Jordi (2006) – *La ceràmica àtica de figures roges de la ciutat grega d’Empòrion*. Barcelona: Museu d’Arqueologia de Catalunya-Empúries (Monografies Emporitanes 14).
- MOREL, Jean-Paul (1972) – La céramique archaïque de Velia et quelques problèmes connexes. In SANMARTÍ I GREGO, Enric; RIPOLL PERELLÓ, Eduardo, eds. – *Simposio internacional de colonizaciones*. Barcelona, pp. 139-158.
- NIEMEYER, Hans Georg (1985) – Cerámica griega en factorías fenicias. Un análisis de los materiales de la campaña de 1967 en Toscanos (Málaga). In PICAZO, Marina; SANMARTÍ, Enric, eds. – *Ceràmiques Gregues i Helenístiques a la Península Ibèrica. Taula Rodona amb motiu del 75è Aniversari de les Excavacions d’Empúries. Monografies Emporitanes*. Barcelona: Diputació de Barcelona, Institut de Prehistòria i Arqueologia. VII, pp. 27-36.
- NIETO, Xavier; SANTOS, Marta (2008) – *El vaixell grec arcaic de Cala Sant Vicenç*. Girona.
- OLMOS, Ricardo; PICAZO, Marina (1979) – Zum Handel mit griechische Vasen und Bronzen auf der Iberischen Halbinsel. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid. 20, pp. 184-201.
- PAGE DEL POZO, Virginia (1984) – Imitaciones de influjo griego en la cerámica ibérica de Valencia, Alicante y Murcia. *Iberia Graeca, Serie arqueológica*. Madrid. Volume 1.
- PALLARÉS SALVADOR, Francisca (1974) – El pecio del Sec y su significación histórica. In SANMARTÍ GREGO, Enric; RIPOLL PERELLÓ, Eduardo, eds. – *Simposio internacional de colonizaciones*. Barcelona, pp. 211-217.
- PELLICER CATALÁN, Manuel (1964) – Excavaciones en la necrópolis púnica Laurita del Cerro de San Cristobal (Almuñecar, Granada). *Excavaciones Arqueológicas de España*. Madrid: Dirección General de Bellas Artes, Servicio Nacional de Excavaciones Arqueológicas. Volume 17.
- PICAZO, Marina (1977) – *La cerámica ática de Ullastret*. Barcelona.
- PICAZO, Manina; ROUILLARD, Pierre (1976) – Les skyphos attiques à decor réservé et surpeint de Catalogne et du Languedoc, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XII, pp. 7-25.
- PONS, Enriqueta, ed. (2002) – *Mas Castellar de Pontós (Alt Empordà): un complex arqueològic d’època ibèrica (excavacions 1990-1998)*. Girona (Sèrie Monogràfica del Museu d’Arqueologia de Catalunya-Girona 21)
- PUIG, Anna; MARTÍN, Aurora (2006) – *La colonia grega de Rhode (Roses, Alt Empordà)*. Girona: Museu d’Arqueologia de Catalunya-Girona (Sèrie Monogràfica 23).
- ROCHA-PEREIRA, Maria Helena (1962) – *Greek Vases in Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- ROUILLARD, Pierre (1975) – *Les coupes attiques à Figures Rouges du IV<sup>e</sup> s. en Andalousie*. Paris: Mélanges de la Casa de Velázquez.
- ROUILLARD, Pierre (1978) – Les céramiques peintes de la Grèce de l’Est et leurs imitations dans la Péninsule Ibérique: Recherches préliminaires. In *Les Céramiques de la*

Grèce de l'Est et leur Diffusion en Occident. Paris-Nápoles, pp. 274-286.

ROUILLARD, Pierre (1991) – *Les grecs et la Péninsule Ibérique du VIII au IV aoeèle avant Jésus-Christ*. Paris: Diffusion de Bocard.

ROUILLARD, Pierre; DE LA TORRE CASTELLANO, Inmaculada (2014) – Les coupes à tige attiques de Zacatin (Grenade); premières réflexions sur un lot de vases du IV e.s. av. J.-C), *Bastetania*. Baza-Granada. Volume 2, pp. 1-15.

SANCHÉZ, Carmen (1992) – Imágenes de Atenas en el mundo ibérico. Análisis iconográfico de la cerámica ática del siglo IV a.C. hallada en Andalucía oriental, *AnArte* 4, 23-33.

SÁNCHEZ FERNÁNDEZ, Carmen (1987) – Algunas observaciones sobre la cerámica ática de Ibiza. In PICAZO, Marina & SANMARTI, GREGO, Enric – *Ceràmiques Greques i Helenístiques a la Península Ibérica. Taula rodona amb motiu del 75<sup>è</sup>. Aniversari de les excavacions d'Empúries (Empúries, 18-20 de març 1983)*, *Monografies Emporitanes*. Barcelona, VII, pp. 83-85.

SANMARTÍ GREGO, Enric; BARBERÀ, Josep; CASTANYER I MASOLIVER, Pere; TREMOLEDA I TRILLA, Joaquim (1986) – *Las estructuras griegas de los siglos VI y IV a. de J. C., halladas en el sector sur de la Neápolis de Ampurias (campanya de excavaciones del año 1986)*. Barcelona: Generalitat de Catalunya.

SCHULTEN, Adolf (1922) – *Tartessos. Ein Beitrag zur ältesten Geschichte des Westens* (Hamburg, 1922; Spanish tr. Madrid, 1924, 2nd ed. 1945).

TRÍAS DE ARRIBAS, Glória (1967-1968) – *Cerámicas griegas de la Península Ibérica*. Valencia: William L. Bryant Foundation.

VILAÇA, Raquel (2003) – Acerca da existência de ponderaisem contextos do Bronze Final / Ferro Inicial noterrítório português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, XXI, pp. 245-288.



Figura 1 – Mapa com distribuição dos sítios arqueológicos onde foram identificados exemplares de cerâmica grega.

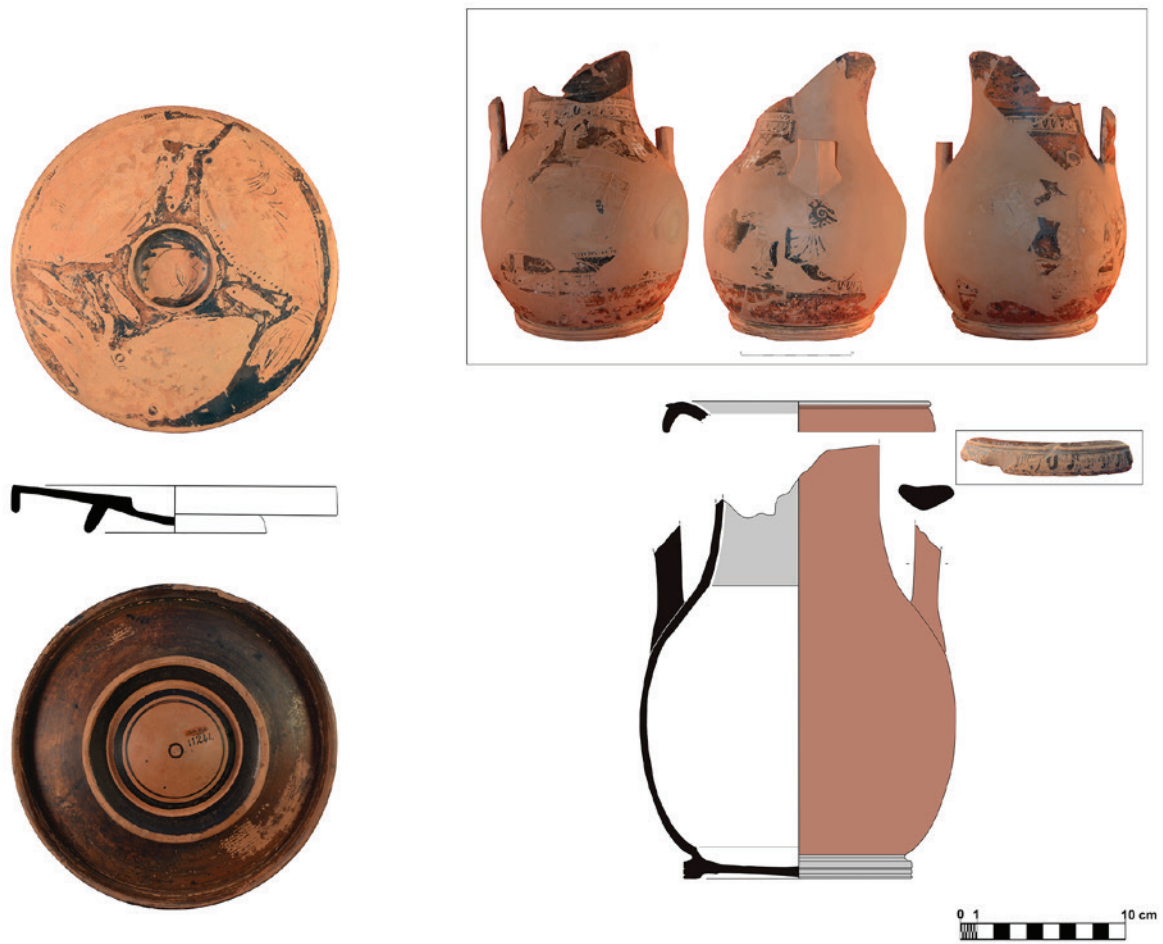


Figura 2 – Prato de peixes e pelike de figuras vermelhas provenientes da Necrópole do Olival dos Mártires, Alcácer do Sal.



Figura 3 – Taça de Bordo convexo de verniz negro proveniente do arqueossítio de Cabeço da Azougada (AZO).



**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**musaji**  
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

